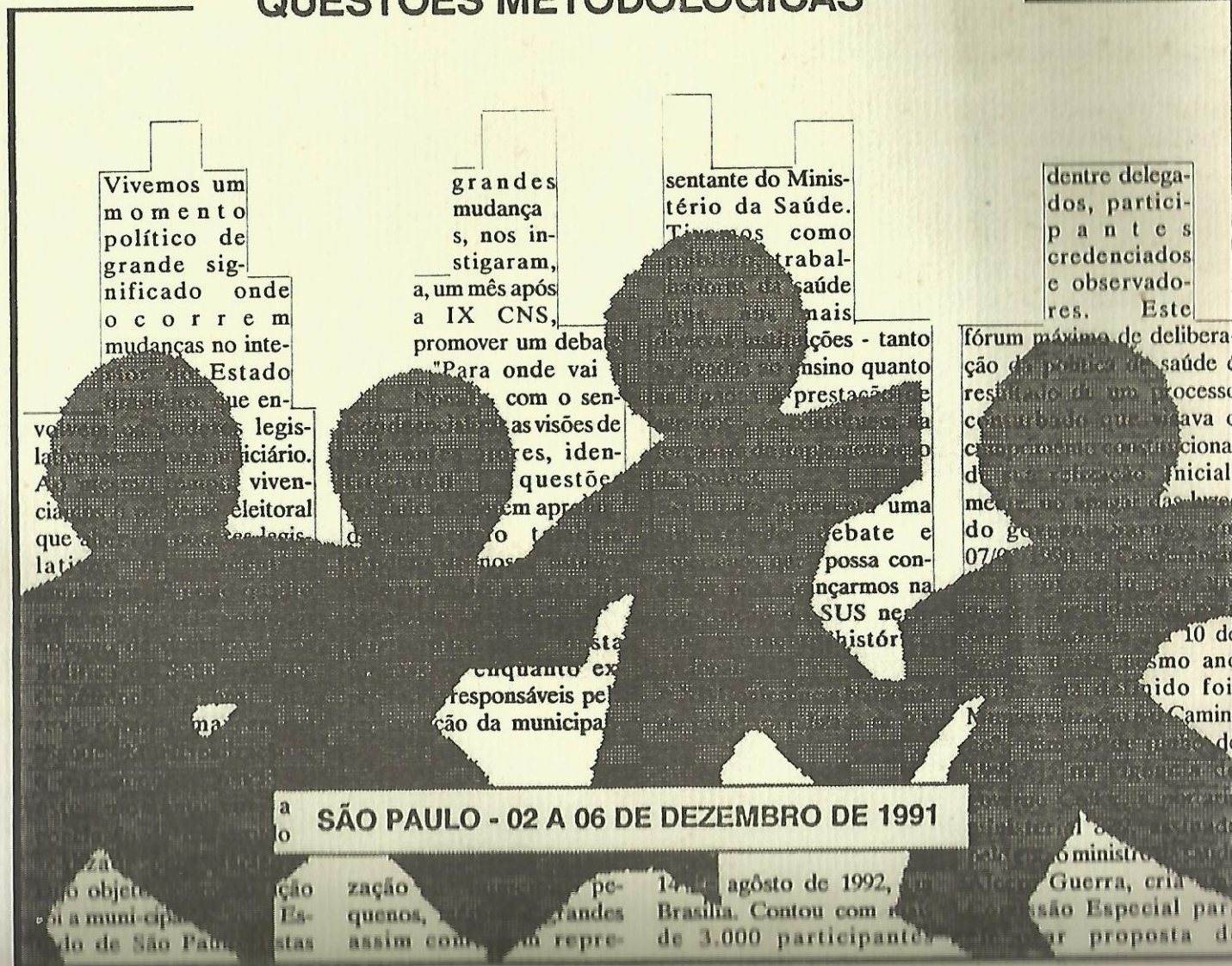


I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

QUESTÕES METODOLÓGICAS



Vivemos um momento político de grande significado onde ocorrem mudanças no interior do Estado

que envolve os legisladores e o cidadão. A vivência eleitoral que se realiza

grandes mudanças, nos instigaram, a, um mês após a IX CNS,

promover um debate "Para onde vai o Brasil com o senar e as visões de futuro, identifique as questões que se apresentam para o futuro de nós

esta enquanto responsáveis pela ação da municipal

representante do Ministério da Saúde. Temos como trabalho de saúde

ações - tanto quanto a prestação de serviços de saúde pública. Uma debate e possa começar na SUS neste histórico

dentre delegados, participantes credenciados e observadores. Este

fórum máximo de deliberação da política de saúde e resultado do processo consultivo que estava em andamento. A primeira reunião inicial de trabalho ocorreu no dia 07/12/1991

10 de dezembro do mesmo ano. O encontro foi realizado no Caminho do Trabalhador de São Paulo

SÃO PAULO - 02 A 06 DE DEZEMBRO DE 1991

o objetivo da municipalidade de São Paulo

ação zação pe- quenos, grandes assim como um repre-

14 de agosto de 1992, em Brasília. Contou com mais de 3.000 participantes

o ministro da Saúde, Guerra, criou a Comissão Especial para avaliar proposta de

**I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR
EM SAÚDE - Questões Metodológicas -
realizado de 02 a 06 de dezembro 1991**

" O real não está nem na saída nem na
chegada; êle se dispõe para a gente é no
meio da travessia."

Guimarães Rosa



**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE**

São Paulo - 1992



Esta publicação reúne a Memória do I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE Questões Metodológicas - e Consultas realizadas sobre o tema, por Ausônia Favorido Donato e Elza Ferreira Lobo.

ASSESSORIA DE PARTICIPAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE em colaboração com a REDE MULHER



APRESENTAÇÃO

Decorrido um ano da realização do nosso I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE - Questões Metodológicas - dezembro de 1991 - estamos apresentando esta Memória.

Ousamos fazê-lo porque, mais do que explicar a demora o que nos importa é resgatar o trabalho realizado e os compromissos que o tornaram possível.

Inúmeras atividades, muitas realizações e muitos desafios enfrentados nesse período, impediram-nos de voltar a uma atividade realizada.

No entanto, por valorizarmos a necessidade do resgate desse trabalho e o compromisso com os participantes é que, apesar do tempo transcorrido, decidimos torná-lo público.

Carlos Alberto Pletz Neder
Secretário Municipal de Saúde

ÍNDICE

- APRESENTAÇÃO	
- INTRODUÇÃO	1
- FUNDAMENTAÇÃO DO PROBLEMA	2
- ANTECEDENTES DA EDUCAÇÃO POPULAR	3
- AS QUESTÕES METODOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR	5
- O POR QUE DESSAS QUESTÕES	9
- HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE	10
- I ENCONTRO NACIONAL EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE	13
• Como Surgiu a Idéia	
• Coordenação	
• Grupo de Trabalho	
• Equipe de Apoio	
- ENCONTROS PREPARATÓRIOS AO I ENEPS	14
• Rio de Janeiro	
• Porto Alegre	
- PROGRAMA	15
- SELEÇÃO DOS TRABALHOS E ORGANIZAÇÃO DO PROGRAMA	15
- TRABALHO - INSCRIÇÃO	16
- OFICINAS DE TRABALHO	19
- ATIVIDADES CULTURAIS	20
- PARTICIPANTES	22
- FALA DE ANTONIO CIÇO	24
- MEMÓRIAS DE UM RAIZEIRO	27
- DE VOLTA ÀS RAÍZES	28
- TEATRO UNIÃO E OLHO VIVO	29
- AVALIAÇÃO	30
- PROPOSTAS	32
- CONCLUSÃO	32
- RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES	34
- AGRADECIMENTOS	36
- BIBLIOGRAFIA	37
- FICHA TÉCNICA	38

INTRODUÇÃO

As duas últimas décadas têm sido marcadas, nas áreas da educação e da saúde, por uma intensa participação, envolvendo o questionamento das políticas estatais calcadas sobre a privatização e a crescente exclusão da maioria da população do seu direito à saúde e à educação. Os profissionais de ambas as áreas têm sido muito questionados e cobrados pela sociedade. Esses trabalhadores da saúde e da educação têm questionado a sua formação e o seu preparo na relação que estabelecem com as práticas da educação e da saúde. Estas práticas e saberes institucionalizados e desenvolvidos na âmbito das instituições de saúde e educação também tem sido amplamente questionados pela maneira como são utilizados e apropriados socialmente na dinâmica das formações capitalistas.

É certo que a politização dessas áreas têm crescido através dos movimentos sociais, com a emergência de novos atores sociais ao nível da sociedade civil, com as crescentes reivindicações populares pelo seu direito à saúde, à educação, à moradia, a melhores condições de vida e salários. Os trabalhadores da saúde e da educação vêm-se organizando através de seus sindicatos e associações de classe, mobilizando-se em relação às políticas estatais de educação e saúde, com um amadurecimento e aprofundamento crítico sobre as relações da Saúde, Educação e a Sociedade.

Nesse contexto surgiram entidades de estudo como o Centro de Estudos de Educação e Sociedade - CEDES e o Centro Brasileiro de Estudos em Saúde - CEBES - Núcleo de Campinas - que ao organizarem em 1980 o Curso sobre Educação e Saúde na UNICAMP muito contribuíram para colocar em debate questões teóricas e práticas comuns àqueles dois campos: Educação e Saúde.

Ainda como decorrência desses espaços de reflexão é que assistimos na década de 80 a forte presença dos intelectuais do CEBES e da ABRASCO atuarem na defesa da Reforma Sanitária Brasileira e na incorporação do Sistema Único de Saúde - SUS - na Constituição Federal de 1988.

Nesse cenário está circunscrito o objeto deste nosso trabalho - EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE -. Para apresentá-lo, nos remetemos aos seus antecedentes, procurando apontar as questões mais significativas implícitas na relação profissional de saúde e população, no momento de *travessia* de um caminhar que vem se construindo num espaço de educação e saúde.

FUNDAMENTAÇÃO DO PROBLEMA

No final da década de 60 começamos a utilizar uma metodologia de pesquisa, que não era só a metodologia quantitativa que se conhecia até então. Começávamos a trabalhar com uma metodologia qualitativa. Incorporamos a pesquisa participante ou pesquisa-ação ou investigação participativa, na qual buscávamos dados junto à população que deixava de ser objeto e passava a ser sujeito da pesquisa. No meio acadêmico sempre dizíamos que estávamos investigando os sujeitos de nossas pesquisas, mas na verdade eram os sujeitos que a Academia queria pesquisar. Na maioria das vezes íamos a campo buscar dados mas éramos nós, os docentes, os que estávamos interessados neles. A população não tinha nenhum interesse em dar essas respostas. Então, utilizávamos uma população e depois dizíamos que ela era o sujeito de nossa investigação.

Quando começamos a trabalhar nessa nova ótica e a introduzimos na Universidade, existiam muitos docentes que não a aceitavam, diziam que não era científica, que estávamos buscando uma outra ciência, uma "ciência popular", que se contrapunha à ciência, à acadêmica, que seria a tradicional. Em vários encontros, essas pesquisas foram até recusadas porque não eram reconhecidos seus resultados, esses dados não correspondiam ao que o pesquisador de um centro impulsor criou, elaborou e testou - não tinha nada a ver com a realidade - porque ele, o pesquisador, a desconhecia por completo. Todas essas situações nós as vivemos no continente latino americano com as concepções equivocadas que marcaram nossa formação. Todas essas situações foram incorporadas ao nosso dia a dia, para que pudéssemos dar novas respostas à realidade que estávamos vivendo.

Devemos estar atentos pois esta percepção ainda está muito presente na Academia. A investigação científica, enquanto um processo de produção do conhecimento ainda é concebida como de sua propriedade.

No "Primeiro Seminário Latinoamericano de Pesquisa Participante" realizado em 1980 em Ayacucho (Peru), se deu ênfase na crítica teórico-epistemológica à idéia de ciência que predominou na América Latina. Discutiu-se a necessidade de criar alternativas de interpetação no marco de sociedades afetadas por transformações estruturais ao buscar novas concepções de desenvolvimento. Valorizou-se a Pesquisa Participante como processo de produção de conhecimentos e como atividade inseparável da Educação Popular.

ANTECEDENTES DA EDUCAÇÃO POPULAR

Para que possamos trabalhar a questão da Educação Popular, parece-nos importante saber que toda essa forma de pensar a partir da identificação de problemas, da construção do diagnóstico situacional elaborado pelos próprios sujeitos - enquanto construtores do conhecimento - discutindo a realidade e buscando as soluções coletivamente, está baseada no pensamento do educador Paulo Freire.

Na década de 60 iniciou-se um debate que nos fez refletir sobre concepções de educação: educação para a dominação ou educação para a libertação. "Pedagogia do Oprimido" e "A Educação como Prática da Liberdade", obras de Paulo Freire provocaram um repensar a prática dos educadores: afinal quem educa quem?. Em Pedagogia do Oprimido, o autor analisa o discurso do opressor que se introjeta no oprimido; o oprimido assume o discurso do opressor e o faz seu e o repete, porque crê que essa é a verdade, sua aspiração. Para rompermos com essa concepção é preciso trabalharmos na compreensão de um novo conceito: o conceito antropológico de cultura. Entendendo-se as relações do homem com a natureza e o homem dominando a natureza para transformá-la, nesse sentido, todo ato do homem é um ato de cultura.

Nessa mesma década, Paulo Freire, com seu método de alfabetização, fez com que os analfabetos passassem a ser sujeitos de sua própria história. Passariam a ser os atores de um processo histórico e não simplesmente espectadores desse processo. Com essa compreensão, apreendemos a partir da tomada de consciência os níveis de consciência; buscando-se assim, uma pedagogia denominada histórico-crítica, com ênfase no homem e este percebido como produto das relações sociais nas quais vive. Essa visão de educação contribui para a elevação do nível cultural da população e busca uma participação consciente que dê respostas aos problemas. Essa concepção leva a uma democratização do conhecimento científico fazendo com que todo conhecimento universal acumulado pertença a todos e não seja privilégio das elites. Esse era o eixo essencial do método de alfabetização de Paulo Freire, muito difundido na época como um processo de conscientização.

Hoje, já passados tantos anos, há uma série de reflexões do que foi esse momento, do que contribuiu e como avançou a concepção de Educação de Adultos, desde então, e o que significa hoje a Educação Popular na América Latina. A Educação Popular tem tido uma característica mais ou menos comum nas diversas experiências do continente desde a década de 60. Não podemos esquecer as contribuições nessa área de Anibal Ponce, Augusto Salazar Bondy, Carlos Ríos, Raúl Ferrer Perez, Tomas Amadeo Vasconi e Walter Peñaloza enfim, uma série de outros filósofos e pensadores que muito contribuíram em seus países.

O vocábulo "conscientização" oriundo da conceituação do método psico-social, criado no Brasil e aplicado posteriormente no Chile, difundiu-se ao longo da América Latina como um conceito fundamental que permitiria superar a concepção tradicional, escolarizada e "bancária", da educação de adultos. Abriria portanto as portas a uma educação libertadora. Muitos mitos se criaram a partir desse vocábulo, que chegou mesmo a perder seu sentido original e a ter múltiplos significados. Podemos encontrar, ainda hoje, experiências que se auto-intitulam conscientizadoras. Nessas experiências, seus militantes crêem que a consciência é algo que se leva, como se fosse doação, ou seja, vamos a um grupo e conscientizamos seus membros, fazemos uma reunião e saem todos "conscientes" de seus problemas! Trata-se de um equívoco daqueles que querem estar em paz com sua alma e que crêem que este é o caminho que leva à transformação.

A extensão e vulgarização do conceito "conscientização" fez com que perdesse o seu significado e sua utilização como categoria teórica tornou-se ambígua e vaga. O método psico-social, em suas premissas sustenta que, diante da constatação de uma consciência ingênua ou mágica do povo, é preciso impulsionar um processo educativo problematizador para transformá-la em consciência crítica. A consciência ingênua ou mágica, seria a expressão de uma situação de alienação, opressão e passividade. Considerava-se portanto que se as massas passivas se tornassem conscientes de sua situação, elas motivariam uma ação transformadora. Em resumo essa concepção pressupunha primeiro a criação da consciência e depois o impulsionar de uma ação consciente.

Como consequência levou muitos educadores populares a divorciarem, em sua atividade, a prática educativa da prática organizativa e política. Quando não as viam como antagônicas. Mantinham uma atitude de expectativa, esperando que do diálogo surgisse a criticidade que levaria a uma ação consciente posterior. Negavam-se a participar de ações de luta que surgiam como produto da espontaneidade do movimento popular. Deixavam esse terreno para os políticos com os quais frequentemente mantinham uma relação conflitiva devida à sua atitude manipuladora e apressada. A base de todo esse comportamento era a convicção de que a conscientização era um momento prévio à ação e que a ação educativa não formava parte da luta de classes.

As experiências mais avançadas e sistematizadas de educação popular, nos demonstram que sua própria prática a levou a superar a concepção inicial de conscientização, ao encontrá-la limitada para responder às exigências que a ação política dos movimentos populares na América Latina lhes colocava. É a partir do questionamento das ações políticas das massas populares que as primeiras experiências de conscientização começam a ser reformuladas. Não há dúvida de que isso foi possível a partir da viragem teórica provocada por Paulo Freire no terreno pedagógico e ao enorme dinamismo que gerou nas práticas de educação popular.

A radicalização progressiva dos movimentos populares, com a constatação de que era impossível gerar uma consciência crítica sómente a partir do diálogo e da reflexão, levou ao

questionamento dessa mesma prática pedagógica. Descobriu-se então que a opção política era indissociável de qualquer prática de educação popular e passa-se a compreender a dimensão política da educação popular e a identificar as contradições econômicas, sociais e políticas com o processo de organização e mobilização popular. Produz-se assim, pelas próprias exigências da realidade, uma crescente aproximação entre ação política e educação popular. O desenvolvimento de experiências nas quais se combinava a ação política com o trabalho de educação popular foi enriquecedor, permitindo descobrir que é na própria dinâmica da luta de classes e no próprio dinamismo das ações políticas dos movimentos populares que se localiza a tarefa da educação popular.

Uma análise dessas experiências nos permite concluir que não é possível conduzir nenhum processo de fortalecimento da consciência de classe à margem da ação política das massas populares. Podemos então sustentar com toda a clareza que não é possível realizar nenhuma ação pedagógica libertadora, senão a partir de uma prática política libertadora, que não existe consciência de classes sem prática de classes, que não existe consciência crítica a não ser como expressão de uma ação organizada.

Em resumo a consciência de classes se expressa em organização e mobilização de classes e não se trata portanto de partir primeiro de uma tomada de consciência crítica para logo depois atuar crítica e conscientemente. Trata-se de partir da própria ação, espontânea ou organizada, para desenvolver a consciência na ação e voltar novamente à ação para transformá-la conscientemente.

Com esse entendimento consideramos que a pedagogia popular nasce, desenvolve-se e encontra o seu sentido apenas como parte integrante da ação política. Por isso, podemos afirmar que a educação popular nada mais é que a dimensão educativa da ação política.

AS QUESTÕES METODOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR

Existem problemas na questão metodológica da educação popular. Nesse terreno há uma confusão terminológica e conceitual entre metodologia e técnicas. Diz-se por exemplo: nós usamos muito a metodologia de seminários, painéis, exposições, trabalhos em grupos, teatro, palestras e outras, ou seja, o uso das técnicas como se fossem a metodologia. Ao nos preocuparmos com essa confusão não é porque tenhamos um interesse meramente acadêmico de precisão de conceitos, mas porque acreditamos que isto levou a que não fosse colocado o problema metodológico da pedagogia popular. Há quem se preocupe intensamente em aprender ou transmitir novas técnicas com o objetivo de superar uma educação tradicional.

Consideramos que o problema de fundo não é esse. Não é apenas com a aplicação de novas técnicas que vamos superar realmente uma educação verticalista, acadêmica, alheia à realidade. Trata-se de assumir uma nova concepção do processo educativo, trata-se de colocar o problema metodológico em seus justos termos.

Entendemos por metodologia da educação popular a articulação entre a teoria e a prática pedagógicas. A relação dialética entre os objetivos políticos e a realidade, a lógica do processo pedagógico e organizativo que é preciso implementar em um contexto histórico particular da luta de classes para conhecer a realidade e transformá-la em função dos interesses estratégicos das classes populares.

"O problema de se é possível atribuir ao pensamento humano uma verdade objetiva, não é um problema teórico mas um problema prático. É na prática onde o homem tem que demonstrar a verdade, quer dizer, a realidade, o poder, a terrenidade de seu pensamento ...

A vida social é, na essência, prática. Todos os mistérios que desviam a teoria até o misticismo, encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática.

Os filósofos não tem feito nada mais que interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas o que se trata é de transformá-lo".

(Karl Marx - Tesis sobre Feuerbach)

A metodologia é um princípio teórico, de caráter universal, sua aplicação prática vai depender sempre das circunstâncias históricas existentes. Nossa concepção metodológica da educação popular se fundamenta na teoria dialética do conhecimento. Do nosso ponto de vista, a lógica do processo educativo não pode ser outra senão a própria lógica do processo de conhecimento. A teoria dialética do conhecimento coloca em primeiro plano a prática social, ou seja, a atividade produtiva material das classes sociais e as formas de atividade política e cultural que a ela correspondem. Considera o conhecimento como uma atividade indelével da prática. O pensamento e a consciência, são produto das condições materiais de existência. Não têm sua própria história nem seu próprio desenvolvimento, estão historicamente determinadas pela prática. Não se pode compreender nem analisar a consciência, senão como representação ideológica da vida material: a consciência é sempre consciência da prática social. Isso não significa que estejamos afirmando um mero determinismo mecânico e que a consciência seria um puro reflexo estático da atividade material, porque embora seja da prática social que surgem os conhecimentos, é na transformação dessa prática que se constata a objetividade, a realidade, a verdade do conhecimento. Por isso, embora a prática sirva de base à teoria, a teoria por sua vez deve servir à prática.

A atividade teórica é o processo que partindo da prática nos permite conhecer e compreender as leis da realidade objetiva, para depois aplicar o conhecimento dessas leis à prática social para transformá-la: partir da prática, teorizar sobre ela para regressar novamente à prática; partir do concreto, realizar um processo de abstração para voltar novamente ao concreto; partir da ação, refletir sobre ela para novamente voltar à ação. Essa é a lógica do processo do conhecimento. Não pode ser outra a lógica do processo educativo: ação-reflexão-ação, prática-teoria-prática. Portanto, o desenho metodológico deve ser ao mesmo tempo unitário e flexível, geral e particular, globalizante e específico. Abordar o problema da metodologia da educação popular, significa abordar uma concepção do processo pedagógico e não simplesmente ver qual ou quais técnicas devemos utilizar em nosso trabalho. Significa, em síntese, aplicar o método dialético ao terreno específico da pedagogia.

Como tarefa específica, a educação política é um processo que se dá fundamentalmente no nível da consciência, no terreno da superestrutura ideológica. Na educação está presente a necessidade de transformar a consciência, de desenvolver e fortalecer a consciência de classe. Por isso mesmo, esse processo deve estar estreitamente vinculado à transformação das condições sociais. Não é possível propor-se a tarefa da educação popular como uma tarefa meramente ideológica ou teórica que vai se dar unicamente no âmbito superestrutural. É preciso situá-la na relação dialética entre teoria e prática, na relação existente entre as leis objetivas do processo sócio-econômico e o seu papel ativo no processo histórico. É preciso situá-la como uma tarefa que abrange todos os níveis da sociedade. Quando, em outros contextos, muitos reformadores da educação entenderam o problema do ensino como um problema exclusivamente pedagógico sem entender as leis do processo sócio-econômico, sem entender o problema educativo como um problema também econômico e social, não puderam reformar nada a não ser na medida em que as leis econômicas e sociais o permitiram.

Como então modificar a estrutura de uma sociedade em transição partindo da consciência espontânea para transformá-la em consciência de classe? Creemos que a questão metodológica abrange o conjunto das tarefas que têm como objetivo o fortalecimento do poder popular em todas as esferas da sociedade, na participação crescente organizada do povo e nas decisões da economia, política e cultura. Porém, nenhum processo de fortalecimento e desenvolvimento da consciência de classe pode ter lugar a não ser a partir do real grau de consciência que tenham os grupos em conjunto com o processo ativo de transformação das condições de vida. Esse processo requer uma condução político econômica. As vanguardas políticas, muitas vezes, profundamente enraizadas, nos setores populares cumprem então um papel decisivo para dar uma direção a esse processo. Partir do real grau de consciência dos grupos, significa partir da realidade concreta e objetiva em que estes se encontram, ou seja, dos fatos reais de sua atividade econômica, política e cultural.

Na dinâmica de transformação da consciência a partir da prática, é fundamental saber combinar a orientação política e ideológica que deve conduzi-la com o contínuo desenvolvimento da criatividade e iniciativa popular. O desenho metodológico de qualquer

programa educativo deve ter como uma de suas principais preocupações, manter essa relação dialética entre direção e criatividade. Nenhum dos polos deve anular o outro. Isso significa que a educação política não pode ser, de nenhuma maneira, um processo vertical no qual para manter a correção da linha política, sejam lançados conteúdos ideológicos e conceitos para que sejam repetidos, quase de memória, pelas bases. Nem tampouco significa que não exista condução e orientação política do processo educativo, deixando-o à pura espontaneidade das bases, para que descubram por si mesmas o rumo do processo histórico.

A educação popular se situa - insistimos - na relação estreita entre a vanguarda e os setores populares: relação que permite desenvolver ao máximo a criatividade popular que é impulsionada, canalizada e orientada pela vanguarda política. Supõe afirmar, em cada passo do processo, a necessidade de fortalecer a consciência crítica dos grupos pertencentes aos setores populares, o que supõe confiar em sua capacidade de promover a teorização e, em última análise, impulsionar e canalizar sua própria capacidade de conhecer a realidade para transformá-la, reconhecendo que são eles os que fazem a história.

Nesta dinâmica de transformação da consciência a partir da prática, é fundamental que os conteúdos de caráter geral permitam apropriar-se teoricamente do fato global de um projeto histórico de transformação de uma sociedade, seu presente, seu passado e seu futuro. Os conteúdos de caráter particular devem fazer referência à região, setor econômico, tipo de organização específico dos participantes na ação educativa.

Nossa prática é sempre social e histórica. Mesmo quando tem uma dimensão individual, dá-se em um certo contexto, espacial e temporal e não na intimidade das mentes dos indivíduos. É por isso que o voluntarismo é idealista, pois se fundamenta precisamente na compreensão ingênua de que a prática e sua eficácia dependem apenas do sujeito, de sua vontade, de seu valor. É por isso que a espontaneidade é irresponsável porque implica na anulação do intelectual como organizador, não necessariamente autoritário mas sempre organizador, de espaços para os quais sua intervenção é indispensável. O voluntarismo e a espontaneidade têm falhas, pois muitos menosprezam os seus limites.

No primeiro caso, não se respeitam os limites porque nele só há um, o desejo do voluntarista. No segundo caso, o intelectual não intervém, não dirige, cruza os braços: a ação quase fica entregue a si mesma, é mais alarde. O voluntarismo e a espontaneidade se constituem em obstáculos à prática educativa participativa. A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores em relação ao seu objetivo, demanda do educador que assuma o fator político de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político, é também educativo. É preciso, assim, assumir realmente o fato político da educação.

Pensamos que com essas considerações devemos discutir os impasses que temos entre a Teoria e a Prática e, principalmente nos nossos trabalhos. Várias vezes se pensa que não devemos chegar às reuniões e estar conduzindo ou fazendo algo que permita que o grupo

perceba logo todo o caminho a seguir, porque assim não se permitiria que as bases dissessem o que estão pensando, o que elas mesmas sabem. E com isso perde-se toda uma possibilidade de avanço nos trabalhos. O tempo passa e vemos que as coisas continuam da mesma maneira: a cada reunião aparece uma pessoa diferente, nunca são as mesmas, ou seja, não há uma continuidade dentro de um processo que seria organizativo.

Isso acontece porque realmente estamos em um impasse: intervimos ou não intervimos? podemos ou não podemos? Qual é o nosso papel? Se eu sou um educador popular tenho que estar ouvindo o que as pessoas têm a dizer? É verdade que sim, mas com o conhecimento que tenho. Somos nós os que temos que estar juntos, fazendo com que esse conhecimento universal acumulado seja posto à disposição do povo e podemos fazer com que o povo assuma o direito de ter todo esse conhecimento em suas mãos. E na medida em que não fazemos isso, o que fazemos é que cada vez essa diferença que existe seja mais acentuada. Temos que ter tudo muito claro, porque muitas vezes não valorizamos o trabalho dizendo que "é preciso recuperar as mágicas que o povo faz" tomando seus chazinhos, porque ele sabe, ele conhece. E não fazemos com que ele avance para o que há de mais moderno no conhecimento científico. Muitas vezes realizamos práticas equivocadas, levando o povo a uma subordinação cada vez mais acentuada. Com um discurso aparentemente progressista, estamos fazendo com que continue na mesma condição.

Essa questão do discurso e da prática é outro dos aspectos que temos que tratar e que é muito importante que pensemos.

O POR QUE DESSAS QUESTÕES?

Não temos uma formação voltada para os problemas de nossa realidade. Nossa formação nos é imposta através de um modelo que é igual para todos os países. O médico, a nutricionista, o odontólogo, a enfermeira, a psicóloga, a assistente social, o sociólogo, o educador, todos passaram exatamente pela mesma formação porque pertencem a um mesmo tipo de sociedade. Uma sociedade capitalista dependente e portanto, as suas relações vão ser as mesmas em todas as realidades de nosso continente. E sendo as mesmas, o que vamos ver é que a educação, ou seja, a formação do profissional é a que responde aos interesses do tipo de modelo em que estamos vivendo. Quando pensamos que estamos buscando novos caminhos, discutindo, existem outros interesses do sistema que querem que tudo continue dessa forma; a Educação é, assim, o aparelho reprodutor do Estado.

Existem alguns momentos que são um pouco mais democráticos e populistas nos quais, através das forças sociais organizadas, conseguimos abrir alguns espaços e neles mudar alguns aspectos de um "currículo". Mas, não se consegue fazer uma transformação mais profunda. E de nada serve atribuir a responsabilidade aos profissionais: que são eles que não querem, que são maus, porque não querem se envolver com as necessidades da população, porque vêm de uma ou outra prática, de outra formação.

Não podemos atribuir toda a responsabilidade apenas à educação. E pensar que se tivéssemos outra educação tudo seria diferente...

Ainda na década de 70 começaram a florescer novas experiências junto aos setores populares, experiências que embrionariamente aconteceram pela ação de pessoas das mais variadas formações e intenções, mas que tinham um ideal comum: atuar junto ao povo para que houvesse avanço do grau de consciência e organização das massas populares, para que estas criassem o seu caminho para a libertação.

Estas pessoas se dirigiam aos bairros da periferia das grandes cidades brasileiras, ou às áreas do campo, e sem grandes pretensões, de forma isolada e própria, iniciaram um trabalho junto às populações desses lugares cujo objetivo era criar um processo politizador, isto é, que levasse esta população trabalhadora, pelo aumento de sua consciência da realidade, a lutar pela satisfação de suas necessidades através do confronto com o sistema social no qual vivia. Vale lembrar o que tem sido feito pelos setores progressistas da Igreja.

É interessante perceber que qualquer proposta de trabalho que visasse atingir aquele objetivo se tornava imediatamente válida. Desde uma atividade cultural, educacional, de saúde, de loteamento clandestino ou qualquer outra, porque o importante não era o trabalho em si mas o processo pelo qual as pessoas iriam passar e que viabilizaria ganhos de consciência política e organização própria (este um dos grandes aprendizados críticos das épocas anteriores - sem sua própria organização política independente, o movimento popular não seria nada).

Foi nesse contexto que começaram a aparecer os trabalhos em saúde no Movimento Popular.

HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

A introdução da Educação em Saúde no Brasil se dá a partir da década de 20, e pretensamente é compreendida como um dos pilares da Saúde Pública.

Em 1925 é aberto o primeiro curso de Educação Sanitária, no então Instituto de Higiene de São Paulo. Esse curso preparava professores primários para o exercício da educação sanitária nos Centros de Saúde e para o ensino de saúde nas escolas normal e primária. Pressupunha, pois, uma formação pedagógica dos alunos, especializando-os para o exercício da educação sanitária através de disciplinas biomédicas. Tais profissionais atuavam como professores de saúde junto à população usuária dos serviços de saúde pública, aos normalistas e às crianças das escolas primárias.

Com a criação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), na década de 40, acontece a primeira mudança significativa na formação de profissionais para a Educação em Saúde. Este órgão tinha como um dos encargos formar educadores sanitários nos Estados Unidos. O curso de formação de educadores sanitários (Health Educators) era oferecido como especialização para profissionais das áreas das Ciências do Comportamento. As teorias da cultura da pobreza que tentavam explicar a marginalidade urbana, serviam para explicar a doença como resultado dessa cultura enquanto doenças da pobreza. Era necessário conhecer os fatores sócio-econômicos e culturais da população marginalizada para vencer os entraves que essa população constituía ao desenvolvimento social. Tais pressupostos deslocavam o campo de conhecimento da Educação Sanitária do biomédico para o sociológico, ainda que permeado pelo conceito epidemiológico do "circulo vicioso" pobreza/doença/pobreza. Assim, os substratos sociais sobre os quais a ação da Educação Sanitária deve incidir são vistos enquanto marginais, desintegrados, desorganizados, apáticos, ignorantes e cheios de superstições e tabus. A Educação Sanitária seria um dos meios de integrá-los na sociedade, chamando-os à participação através de técnicas de desenvolvimento e organização da comunidade. Com este objetivo são utilizadas as técnicas dos meios audio-visuais.

O curso de especialização para professores primários é suspenso em 1961. Em 1967 é criado um novo curso segundo os moldes americanos. O novo profissional agora será o planejador e o supervisor das ações educativas. Deve diagnosticar os problemas educativos e planejar seus tratamentos e ações específicas. Não mais educadores sanitários para não haver confusões com o antigo profissional, mas Educadores de Saúde Pública. O termo Educação em Saúde (pública, escolar) passa a substituir a educação sanitária.

Há portanto, uma mudança qualitativa, ainda que incipiente, do papel do educador. Os profissionais do serviço devem desenvolver as ações educativas planejadas, a partir do diagnóstico, pelo educador, a fim de que estas sejam desenvolvidas integralmente nos programas de saúde e por todos os profissionais neles envolvidos.

Essas mudanças, mais de forma do que de conteúdo, mantêm os mesmos pressupostos anteriores - a população carece de educação: é preciso pois educá-la.

Mais do que programas de educação, a educação sanitária se torna propaganda. Com o interesse deliberado de modificar hábitos, conhecimentos e comportamentos, impõe um conhecimento tomado como oficial e científico. Há a imposição de um saber sustentado por

um poder imposto que tem "por objetivos sociais e políticos pré-definidos, entre os quais estão o de desorganizar as formas populares de mobilização e o de desvalorizar os termos e o alcance do saber popular e do poder popular". (Brandão)

Assim sendo a Educação em Saúde que se orientou por concepções e práticas sanitárias-pedagógicas que não reconheciam as determinações sociais, políticas, culturais e econômicas no fenômeno saúde-doença, bem como as vivências e o conhecimento das classes populares, tem sido apontada como um instrumento auxiliar e subalterno à prática médica, para conformar e submeter a população ao saber e ao poder médico.

Em que pese o predomínio desse procedimento desde a institucionalização da Educação em Saúde até os nossos dias, sabemos da existência de outras experiências desenvolvidas mais recentemente com uma perspectiva diferente, por profissionais afins e de outras áreas e por grupos populares. Estas atividades surgiram simultaneamente em todo o país e em diversos campos de atuação como trabalhos isolados de agentes dentro e fora dos espaços institucionais e foram nomeadas de diferente formas: Ações Alternativas em Saúde, Educação para as Classes Populares, Saúde Popular, etc.

A Educação Popular em Saúde se define como uma ação Político-Pedagógica desempenhada por sujeitos que, ao incorporarem as iniciativas e o saber das classes populares comprometem-se com uma prática transformadora.

Há entretanto, diversos trabalhos realizados na perspectiva da Educação Popular em Saúde, que permanecem inaproveitados e/ou impossíveis de se transformar em linhas mais amplas de ações na saúde, seja por falta de divulgação ou mesmo de debate mais abrangente dos seus resultados.

Nesse sentido o I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde: Questões Metodológicas - I ENEPS - realizado de 02 a 06 de dezembro de 1991, proporcionou a troca de experiências e confronto entre diversas concepções de Educação Popular em Saúde. Através da diversidade da produção existente no país o I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde possibilitou a divulgação do referencial teórico-metodológico relativo ao tema.

I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

- Questões Metodológicas -

Como surgiu a idéia

A necessidade de se conhecer e articular o que existe de Educação Popular em Saúde no Brasil vem de longa data. A idéia porém de se realizar o I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde surgiu durante o III Simpósio Interamericano de Educação em Saúde Pública, realizado em julho de 1990 no Hotel Glória, Rio de Janeiro. Ali se iniciou uma articulação nacional que se ampliou durante o I Congresso Brasileiro de Epidemiologia, promovido pela ABRASCO em setembro de 1990, em Campinas, São Paulo. Contou com a presença de 12 Estados e nesta reunião foi indicada e aprovada a Coordenação do I Encontro, a nível nacional, com representantes de vários Estados.

Coordenação

Compuseram a Coordenação do I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde as seguintes Entidades e Instituições:

- Secretaria Municipal da Saúde - PMSP
- Secretaria Municipal da Educação - PMSP
- Secretaria Municipal da Saúde - Santos
- Associação dos Educadores de Saúde Pública - AESP
- Núcleo de Educação, Saúde e Cidadania - ENSP/FIOCRUZ
- Grupo de Educação Popular do Núcleo de Saúde Coletiva - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Grupo de Trabalho

Enquanto membro integrante da Coordenação do I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde, a Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo constituiu em 10.09.91 um Grupo de Trabalho, composto por profissionais desta Secretaria e outras entidades com a finalidade de organizar o Encontro e contribuir para que seus objetivos fossem alcançados.

O Grupo de Trabalho foi criado pela Portaria nº 867/91 do Secretário Municipal da Saúde, em 10.09.91, e publicada em DOM de 11.09.91 tendo a seguinte composição.

- Beatriz Cintra Labaki - ARS.2;
- Clarissa Lacerda Nazário - CEFOR;
- Elza Ferreira Lobo - REDE MULHER;
- Elza Maria Silva Guedes - ARS.8;
- Lucia Helena Moreira Carvalho - ARS.4;
- Márcia Ana Silva Ferreira - ARS.7
- Marcia Mulin Firmino da Silva -ASSESSORIA DE PARTICIPAÇÃO;
- Marina Morais de Abreu Ferreira - CEFOR, e
- Olívia Maria Gurjão -ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA.

Com o afastamento, a pedido, de Beatriz Cintra Labaki - ARS.2 e Lucia Helena Moreira Carvalho - ARS.4, foi indicado o nome de Maria do Carmo Portero da Silva da Assessoria de Participação do Gabinete do Secretário para integrar o referido Grupo.

Equipe de Apoio

Participaram da organização do I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde dando apoio administrativo as seguintes pessoas: Lucia Helena Rondina, Rita Cerqueira de Quadros, Francisco Roberto Coelho, Maria Aparecida Hog, José Guilherme de Andrade, Marcos Veltri, Sérgio Furlan, Maria Yukiko Komiyama e Ildo de Paula.

ENCONTROS PREPARATÓRIOS AO I ENEPS RIO DE JANEIRO E PORTO ALEGRE

Nasceram da constatação de uma ausência de espaços coletivos de reflexões, das práticas de educação em saúde, no qual os profissionais e os grupos populares envolvidos pudessem discutir as questões que emergem de suas práticas, além de conhecer outras experiências.

Assim com a pretensão de criar espaços de conhecimento e interação dos agentes das práticas educativas em saúde e de aquecimento da discussão teórico/metodológica sobre essas práticas realizaram-se dois encontros, a saber:

- I Encontro sobre Educação e Saúde - realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, dia 24 de agosto de 1991, com o apoio do Núcleo de Educação, Saúde e

Cidadania da Escola Nacional de Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz e da Fundação Fé e Alegria do Brasil

- IV Congresso Brasileiro de Medicina Geral Comunitária e I Congresso Brasileiro Multiprofissional de Saúde Comunitária - realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre de 09 a 13 de setembro de 1991, tendo como um dos temas centrais Educação Popular em Saúde. Realização da Sociedade Brasileira de Medicina Geral Comunitária, da Sociedade Gaúcha de Medicina Geral Comunitária e da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PROGRAMA

Em sua formulação inicial, o Encontro pretendia ser mais um espaço para aprofundamento teórico com profissionais da área.

Com os desdobramentos em sua organização, apontou-se para a necessidade de ampliar a discussão junto aos movimentos populares e demais trabalhos que envolvessem questões relacionadas à educação popular em saúde.

Neste sentido o Encontro foi estruturado contemplando a exposição de trabalhos e experiências resgatados, a partir da realidade dos mesmos.

Além da exposição de trabalhos e experiências o Programa contemplou espaços para Integração e Sensibilização dos participantes, Oficinas de Trabalho, Intercâmbio de Materiais Educativos, Atividades Culturais, além da Avaliação e Solenidade de Encerramentos com os encaminhamentos propostos.

SELEÇÃO DOS TRABALHOS E ORGANIZAÇÃO DO PROGRAMA

Para a organização temática do Encontro e a seleção dos trabalhos e experiências a Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, contou com a Consultoria de Ausônia Favorido Donato e Marlene Shiroma Goldenstein.

Como membro do Grupo de Trabalho e em representação da REDE MULHER, entidade que se ocupa da Educação Popular Feminista, participou da indicação e seleção dos trabalhos Elza Ferreira Lobo.

Os critérios norteadores para a seleção procuraram contemplar a diversidade das experiências, segundo o tema abordado e a metodologia empregada; os agentes envolvidos; a origem dos trabalhos (Instituições de Saúde, Universidades, Movimentos Populares, Entidades não governamentais) e a distribuição geográfica (estados e municípios), buscando-se o equilíbrio entre estes critérios.

Após a leitura e análise foram selecionados os trabalhos que mais contribuissem pela sua abordagem temática e metodológico na troca de experiências e discussão entre os participantes.

A análise dos trabalhos enviados permitiu-nos a identificação de preocupações que nos levaram a estabelecer alguns eixos temáticos, a saber:

- Participação Popular e Instituições
- Organização e Cidadania
- Capacitação de Profissionais
- Comunicação Social: Educação e Saúde

Os eixos temáticos foram desenvolvidos em grupos formados segundo o interesse dos participantes.

Com o objetivo de propiciar aos participantes o conhecimento de outras práticas, incorporamos ao Programa: Oficinas de Trabalho e Atividades Culturais.

Mais adiante passaremos a relacionar os trabalhos selecionados.

TRABALHOS - INSCRIÇÃO

Foi realizado um levantamento de experiências e trabalhos relacionados com a Educação Popular em Saúde (junto à Instituições, Entidades e Movimentos Populares) para um primeiro mapeamento das experiências.

Um formulário para inscrição dos trabalhos, foi enviado a vários municípios e estados, e também distribuído em eventos relacionados à saúde. Pretendeu-se com isso incrementar a divulgação para a participação no Encontro.

De um total de 40 trabalhos foram selecionados 26 que se seguem:

1. Educação Popular e Participação através dos Conselhos
Gestores em Unidades, Distritos, Regionais e Conselho Municipal de Saúde
Formação dos Conselhos Populares de Saúde
Formação de Lideranças para Movimento Popular
Movimento de Saúde da Zona Leste: Zulmira Galvão Alvarenga
Maria Lucia Luciano
2. Hospital Alberto João XXIII - Uma experiência no Distrito de Saúde Ipiranga
Yanni Régia Scarcelli
3. Educação em Saúde para Mulheres da Periferia e Zona Rural
- São Luis - Maranhão
Vera Lúcia Rolim Salles
4. Educação e Saúde aplicada em núcleos favelados
Margarida Aparecida Pinto Guedes
Maria Adelaida da Rocha Mendes Gonzales
5. AIDS Urgente - Educação e Prevenção - Fortaleza - Ceará
Maria do Socorro Mendonça Sherlock
6. Atendimento domiciliar à pessoas com AIDS - Lambda - SP
Ubiratan da Costa e Silva
7. Experiência de Educação e AIDS - SES - Tatuí
Junia de Carvalho Moura
8. Projeto AIDS - Secretaria Municipal de Educação - SP
Neusa Leal Diniz
9. Distritos de Saúde - Estratégia para a construção do SUS
no município de São Paulo - Secretaria Municipal da Saúde - SP
Rubens Kon - DS. Itaquera - SMS-SP
Agrimeron Cavalcanti - DS. Campo Limpo - SMS-SP
Adelaide R. da Silva - Movimento de Saúde de Campo Limpo
10. Comunidade África - Secretaria Municipal de Saúde de Natal
- Rio Grande do Norte
José Vanderildo de Oliveira
Maria das Graças Xavier da Silva

11. Oficinas de Trabalho sobre Organização de Serviços de Saúde
- Belo Horizonte - Minas Gerais
Max André dos Santos
12. Memórias de um raizeiro - Caruarú - Pernambuco
Izídio Salustiano Diniz - Dr. Raiz
13. Medicina Comunitária - Uma concepção e um Método de Trabalho
- Olinda - Pernambuco
Celerino de Almeida Carricone
14. Prática Assistencial de Enfermagem: Uma experiência de Educação
em Saúde com grupos em comunidade.
- Florianópolis - Santa Catarina
Maria Elisabeth Kleba da Silva
15. Comitê de Maternidade Materna
Sarah Sorrentino - Coordenadoria Especial da Mulher
Adelaide R. da Silva - Campo Limpo - SP
16. Aborto Legal - Hospital Jabaquara - SMS-SP
Erotilde Gonçalves Pereira
17. Oficinas de Saúde da Mulher - Instituto de Saúde de São Paulo
Suzana Kalckmann
18. Sindicato de Trabalhadores Rurais - Caaporã - Paraíba
Ivone Francisco Alves
19. Equipe de Saúde - Garanhuns - Pernambuco
Irmã Maria das Graças da Silva
Josefa Águida P. Marinho
20. Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina - ENSP/FIOCRUZ
Mônica de Assis
Luiza de Marilac Gomes
21. Educação em Saúde e Mobilização Comunitária: Uma proposta
metodológica de criação de um instrumento para capacitação de
profissionais de saúde - CADAIS - SP
Zenaide Lazara Lessa (NÃO APRESENTADO)

22. Oficina de formação do trabalhador social: A epistemologia de si mesmo e a consciência, o pedagógico e os modos de ação... e agora? Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos - FDRH - P. Alegre - Rio Grande do Sul
Ney Roberto Vattimo Bruck
23. Projeto Supletivo Educação/Saúde - Secretaria Municipal de Saúde - CEFOR
Rosilda M.M. Motta
24. Núcleo de Educação em Saúde - Campinas - SP
Lygia M.M.P. Santos
25. Radiodifusão: Um caminho para Educação em Saúde? Camocim - Ceará
Everardo de Carvalho Cordeiro Filho (NÃO APRESENTADO)
26. A dinâmica de utilização do rádio em grandes centros urbanos como instrumento de educação popular em saúde - Universidade Federal da Paraíba - Paraíba
Eymard Mourão Vasconcelos

OFICINAS DE TRABALHO

Jogos Teatrais

Coordenada por Paulo Macedo - Secretaria Municipal da Cultura.

A expressão corporal utilizada como meio ou instrumento pedagógico e sua relação com a educação popular.

Guia de Vídeos

Coordenada por Nancy Marcotte - Rede Mulher

Trata da produção e utilização de vídeos no trabalho de educação popular.

Planejamento de Educação e Saúde

Coordenada por Maria Alicia Romana - Corpo Municipal de Voluntários

Enfocou o planejamento de Educação e Saúde tendo como base a afetividade, ou seja, a educação calcada em bases pessoais e interpessoais e vinculadas às preocupações concretas da população. Trata de estabelecer uma correspondência entre os métodos de

ensino e os estilos de aprendizagem das pessoas, considerando sua bagagem anterior de conhecimento e seus sentimentos.

Epistemologia em si mesmo

Coordenada por Ney Roberto Vattino Bruck

- Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos - FDRH, RS.

Busca com a utilização de jogos chegar a reconstrução conceitual de si mesmo entendendo o tempo e o espaço, o saber e o poder.

ATIVIDADES CULTURAIS

As Atividades Culturais tiveram a finalidade de possibilitar maior integração dos participantes e, ao mesmo tempo, relacioná-los com a temática do Encontro, possibilitando a reflexão sobre o seu conteúdo metodológico e a sua relação com Educação Popular em Saúde, enquanto alternativa de instrumento pedagógico.

Projeto Rádio Tam Tam (Secretaria Municipal de Saúde de Santos) Coordenado por Renato Di Renzo.

Abordando a experiência de Santos com os internos do Hospital Anchieta (ex-doentes mentais), onde a partir do incentivo à produção artística, os internos vão encontrando seu equilíbrio e se integrando novamente à sociedade.

Grupo de Teatro "União e Olho Vivo"

Coordenado por César Vieira (Dr. Idibal Piveta)

Experiência de Teatro Popular abordando temas ligados à cultura popular como o futebol, a música, a dança, as relações sociais e econômicas, partindo da vida de Adoniran Barbosa.

Biodança

Coordenada por Maria Angelina Pereira

Através da dança, trabalha a integração de grupos, favorecendo a atividade pedagógica.

Mostra de Vídeos

Durante 02 dias houve apresentação e discussão de vídeos produzidos por diferentes grupos envolvendo trabalhos de Educação Popular em Saúde.

Exposição "Texto e Contexto"

Coordenada por Elza Guedes e Rosilda Motta

A mostra Educação em Saúde: "Texto e Contexto" foi exposta durante todo o Encontro retratando o discurso da Educação Sanitária desde a década de vinte. Esta mostra faz parte dos arquivos do Museu da Saúde "Emilio Ribas" da Secretaria de Estado de Saúde.

A mostra "Texto e Contexto" é um dos produtos resultantes da pesquisa "Uma Releitura do Passado" ou "Os Tempos se seguem e parafraseiam-se" de Guimarães Rosa realizada pelo Serviço de Educação de Saúde Pública do Instituto de Saúde, órgão da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Antecedeu a abertura da Mostra, uma síntese da pesquisa feita com integrantes do projeto de pesquisa.

Intercâmbio de Material Educativo

Foram apresentados os materiais educativos produzidos pelas seguintes Entidades:

- Movimento Popular de Saúde - MOPPLUS - Diocese de Garanhuns - PE
Trabalho: "Equipe de Saúde" - Irmã Maria das Graças da Silva e Josefa Águida Póvoas Marinho.
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caaporã
Trabalho: "Sindicato dos Trabalhadores Rurais" - Ivone Francisco Alves
- Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Trabalho: "Amamentação - Aspectos Antropológicos" - Selma Campestrini
- Secretaria Municipal de Saúde de Buenos Aires -Argentina - Maria Caputo
Trabalho: "Técnicas comunitárias de Educación para la Salud" Atividades desenvolvidas por mães de um bairro periférico de Buenos Aires durante três anos.

PARTICIPANTES

Participaram do I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde 130 pessoas, entre inscritos e convidados, pertencentes a diversas Instituições de Saúde, Universidades, Entidades e Movimentos Populares representando 15 Estados.

Estiveram presentes ainda duas participantes de entidades da Argentina.

Participantes por Instituição/Entidades

Argentina

Faculdade de Saúde Pública - Buenos Aires
Secretaria Municipal de Saúde - Buenos Aires

Alagoas

Secretaria de Saúde e Serviço Social

Bahia

Secretaria de Estado da Saúde da Bahia

Ceará

Universidade Federal do Ceará

Distrito Federal

Serviço Social da Indústria - SESI/DF

Maranhão

UNICEF/Maranhão

Minas Gerais

Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Odontologia
Fundação Universidade de Ouro Preto
Escola de Saúde de Minas Gerais
NESCON - Núcleo de Pesquisas em Saúde Coletiva e Nutrição
Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte
Fundação Ezequiel Dias

Paraíba

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caaporã

Paraná

Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba

Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC/Paraná

Pernambuco

Centro de Mulheres da Cidade do Cabo

Centro Nordestino de Medicina Popular de Olinda

A cura através das plantas - Caruarú

Movimento Popular de Saúde - MOPPLUS

Piauí

Movimento Popular de Saúde

Movimento de Leigos da América Latina

Rio Grande do Norte

Secretaria Municipal de Saúde de Natal

Rio Grande do Sul

Fundação de Educação Social e Comunitária

Rio de Janeiro

Fundação Nacional de Saúde

Solidariedade França-Brasil

Centro de Referência Prof. Hélio Fraga

Secretaria Municipal de Saúde de Pirai

Secretaria Municipal de Saúde de Niterói

Fundação Universidade José Bonifácio

Santa Catarina

Prefeitura Municipal de Joinville

Universidade Federal de Santa Catarina'

GAPEFAM - PG

São Paulo

INAMPS

Faculdade de Medicina de Botucatu

Faculdade Regional de Medicina de São José do Rio Preto

Faculdade de Saúde Pública - USP

Escola de Enfermagem da USP

Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo

Secretaria de Estado da Saúde

Secretaria Municipal de Abastecimento - SEMAB

Prefeitura Municipal de São José dos Campos

Prefeitura Municipal de Cajamar

Núcleo de Educação e Saúde de Campinas

Movimento de Saúde da Zona Leste

Movimento de Saúde da Zona Oeste

Movimento de Saúde da Zona Sul

Com a intenção de envolver os participantes no tema central - EDUCAÇÃO POPULAR - optamos pela audição de uma gravação do texto extraído do livro : "A QUESTÃO POLÍTICA DA EDUCAÇÃO POPULAR" de Carlos Rodrigues Brandão (organizador) e outros. Editora Brasiliense, 1980. Transcrição da fala de Antonio Cícero de Souza - Lavrador do Sul de Minas Gerais.

...Agora, o senhor chega e pergunta: "Ciço, o que que é educação?" Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: "Educação", dai eu falo: "educação". A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: "Educação". Mas então eu pergunto pro senhor: "É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?" Aí eu digo: "Não". Eu digo pro senhor desse jeito: "Não, não é". Eu penso que não.

Educação... quando o senhor chega e diz "educação", vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala vem dum outro lugar, de um outro mundo. Vem dum fundo de oco que é o lugar da vida dum pobre, como tem gente que diz. Comparação, no seu essa palavra vem junto com quê? Com escola, não vem? Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado; livro novo, bom caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser. Um estudo que cresce e 'que vai muito longe de um saberzinho só de alfabeto, uma conta aqui e outra ali. Do seu mundo vem um estudo de escola que muda gente em doutor. É fato? Penso que é, mas eu penso de longe, porque eu nunca vi isso por aqui.

Então, quando o senhor vem e fala a pronúncia "educação", na sua educação tem disso. Quando o senhor fala a palavra conforme eu sei pronunciar também, ela vem misturada no pensamento com isso tudo; recursos que no seu mundo tem. Uma coisa assim como aquilo

que a gente conversava outro dia, lembra? Dos evangelhos: "Semente que caiu na terra boa e deu fruto bom".(...)

Quando eu falo o pensamento vem dum outro mundo. Um que pode até ser vizinho do seu, vizinho assim, de confrontante, mas não é o mesmo. A escolinha cai-não-cai ali num canto da roça, a professorinha dali mesmo, os recursos tudo como é o resto da regra de pobre. Estudo? Um ano, dois, nem três. Comigo não foi nem três. Então eu digo "educação" e penso "enxada", o que foi pra mim.

Porque é assim desse jeito que eu queria explicar pro senhor. Tem uma educação que vira o destino do homem, não vira? Ele entra ali com um destino e sai com outro. Quem fez? Estudo, foi estudo regular: um saber completo. Ele entra dum tamanho e sai do outro. Parece que essa educação que foi a sua tem uma força que tá nela e não tá. Como é que um menino como eu fui mudá num doutor, num professor, num sujeito de muita valia?

Agora, se eu quero lembrar da minha: "enxada". Se eu quero lembrar: "trabalho". E eu hoje só dou conta de um lembrarzinho: a escolinha, um ano, dois, um caderninho, um livro, cartilha? Eu nem sei, eu não lembro. Aquilo de um bê-a-bá, de um alfabetozinho. Deu pra aprender? Não deu. Deu pra saber escrever um nome, pra ler uma letrinha, outra, foi só. O senhor sabe? Muito companheiro meu na roça, na cidade mesmo, não teve nem isso. A gente vê velho aí pra esses fundos que não sabe separar um A dum B. Gente que pega dum lápis e desenha o nome dele lá naquela dificuldade, naquele sofrimento. Mão que foi feita pro cabo da enxada acha a caneta muito pesada e quem não teve prazo dum estudozinho regular quando era menino, de velho é que não aprende mais, aprende? Pra quê? Porque eu vou dizer uma coisa pro senhor: pra quem é como esse povo de roça o estudo de escola é de pouca valia, porque o estudo é pouco e não serve pra fazer da gente um melhor. Serve só pra gente seguir sendo como era, com um pouquinho de leitura.(...)

O senhor faz pergunta com um jeito de quem sabe já a resposta. Mas eu explico assim. A educação que chega pro senhor é a sua, da sua gente, é pros usos do seu mundo. Agora, a minha educação é a sua. Ela tem o saber de sua gente e ela serve pra que mundo? Não é assim mesmo? A professora da escola dos seus meninos pode até ser uma vizinha sua, uma parente, até uma irmã, não pode? Agora, e a dos meus meninos? Porque mesmo nessas escolinhas de roça, de beira de caminho, conforme é a deles, mesmo quando a professorinha é uma gente daqui, o saber dela, o saberzinho dos meninos, não é. Os livros, eu digo, as idéias que tem ali. Menino aqui aprende na ilusão dos pais; aquela ilusão de mudar com estudo, um dia. Mas acaba saindo como eu, como tantos, com umas continhas, uma leitura. Isso ninguém não vai dizer que não é bom, vai? Mas pra nós é uma coisa que ajuda e não desenvolve.

Então, "educação". É por isso que eu lhe digo que a sua é a sua e a minha é a sua. Só que a sua lhe fez. E a minha? Que a gente aprende mesmo, pros usos da roça, é na roça. É ali mesmo: um filho com o pai, uma filha com a mãe, com uma avó. Os meninos vendo os mais velhos trabalhando.

Ainda ontem o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: "Ciço, como é que um menino aprende o cantório? As respostas?" Pois o senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro, acompanha o pai, um tio. Olha, aprende. Tem inclinação prum cantório? Prum instrumento? Canta, tá aprendendo; pega, toca, tá aprendendo. Toca uma caixa (tambor da Folia de Reis), tá aprendendo a caixa; faz um tipe (tipo de voz do cantório), tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido.

Agora, nisso tudo tem uma educação dentro, não tem? Pode não ter um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola; não tem um professor assim na frente, com o nome "professor". Não tem... Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido.

Quem que vai chamar isso aí de uma educação? Um tipo dum ensino esparramado, coisa de sertão. Mas tem, não tem? Não sei. Podia ser que tivesse mais, por exemplo, na hora que um mais velho chama um menino, um filho. Chama num canto, fala, dá um conselho, fala sério um assunto: assim, assim. Aí pode. Ele é um pai, um padrinho, um mais velho. Na hora ele representa como de um professor, até como um padre. Tem um saber que é falado ali naquela hora. Não tem um estudo, mas tem um saber. O menino baixa a cabeça, daí ele escuta; aprendeu, às vezes não esquece mais nunca.

Então vem um e pergunta assim: "O Ciço, o Antonio Ciço, seus meninos tão recebendo educação?" Que seja um padre, que seja o senhor. Eu respondo: "Homem, uma eles tão. Em casa eles tão, que a gente nunca deixa de educar um filho conforme os costumes. Mas educação de estudo, fora os dois menorzinhos, eles tão também, que eles tão na escola". Então quer dizer que é assim: tem uma educação - que eu nem sei como é que é mesmo o nome que ela tem - que existe dentro do mundo da roça, entre nós. Agora, tem uma - essa é que se chama mesmo "educação" - que tem na escola. Essa que eu digo que é sua. É a educação que eu digo: "de estudo", de escola; professora, professorinha, coisa e tal. Daqui, mas de lá.

A gente manda os meninos pra escola. Quem é que não manda? Só mesmo um sujeito muito atrasado. Um que muda daqui pra lá a toda hora. um outro que mora aí, pros fundos de um sertão, longe de tudo. A gente manda, todo mundo por aqui manda menino pro estudo. É longe, o senhor viu, mas manda. Podiam tá na roça com o pai, mas tão na escola. Mas quem é pobre e vive nessa descrença de trabalhar dum tanto, a gente crê e descrê. Menino desses pode crescer aí sem um estudozinho que seja, da escola? Não pode. Eu digo pro senhor, não pode. O meu saberzinho que já é muito pouco, veio de aprender com os antigos, mais que da escola; veio a poder de assunto, mais do que de estudo regular. Finado meu pai já dizia assim. Mas pra esses meninos, quem sabe o que espera? Vai ter vida na roça pra eles todo o tempo? Tá parecendo que não. E, me diga, quem é quem na cidade sem um saberzinho de estudo? Se bem que a gente fica pensando: "O que é que a escola ensina, meu Deus?". Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é. (...)

Agora, o senhor chega e diz: "Ciço, e uma educação dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?" Esse eu queria ver explicado. O senhor fala: "Eu tô falando duma educação pro povo mesmo, um tipo duma educação dele, assim, assim". Essa eu queria saber como é. Tem? Aí o senhor diz que isso bem podia ser feito; tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo. Daí eu pergunto: "Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem?(...)"

Antônio Cicero de Sousa.

Lavrador de sitio na estrada entre Andradas e Caldas, no sul de Minas Gerais. Também dito Antônio Ciço, tonho Ciço e, ainda, Ciço.

MEMÓRIAS DE UM RAIZEIRO



IZIDIO SALUSTIANO DINIZ, conhecido em Caruarú, Pernambuco, como Dr. Raiz.

Agora vou começar a contar um pouco da minha história. Desde a idade de 7 anos comecei a tomar conhecimento com as plantas, de um modo geral com a natureza. Comecei a me entusiasmar através da minha bisavó, que era uma parteira velha, bem conhecida, e todo curativo dela era com plantas. E eu era uma companhia dela para ir buscar aquele galho de mato, sementes, pra que ela fizesse determinadas curas. Eu perguntava a ela para que doença servia aquele tipo de planta. Mas naquela época uma criança menor não tinha direito de saber por que uma pessoa mais velha não contava uma pequena palavra... Se era uma mulher que estava doente de um corrimento, tava doente daquilo outro, ela não dizia. Mas eu ficava curioso, que aquela planta tinha alguma utilidade, então ia procurá as plantinhas e decorava. E daí fui crescendo.

Quando passei a minha idade de 8, 9 anos, aí já a minha bisavó tinha morrido. Ela morreu com 115 anos. Mas então ficou a minha avó que exercia a mesma profissão e continuou com aquele mesmo entusiasmo e me chamando de doutor.

DE VOITA ÀS RAÍZES 2

171 JULY - 1981

SABER DO POVO PARA O POVO



Arruda

EDITORIAL

Um pequeno livro publicado em 1979, com o título "Saber do Povo para o Povo", foi o primeiro de uma série de publicações que visam divulgar o conhecimento popular e a cultura tradicional dos povos da região. Este livro, que trata da Arruda, é o segundo da série e apresenta uma abordagem detalhada sobre a planta, desde a sua identificação até os seus usos tradicionais. A obra é resultado de um trabalho de campo realizado por um grupo de investigadores, que recolheram e registaram o conhecimento dos idosos da comunidade. Este tipo de trabalho é fundamental para a preservação da memória coletiva e para a valorização da cultura popular.

Resposta do Conselho da Comunidade de São Paulo PE
ARRUDA - Planta herbácea com folhas ovadas, arredondadas na base e pontiagudas na ponta. As flores são pequenas e brancas. A planta é muito utilizada para fins medicinais, especialmente para tratar problemas de circulação sanguínea e de pressão arterial. Também é usada para tratar a dor de cabeça e a enxaqueca. A Arruda é considerada uma planta sagrada em muitas culturas tradicionais.



Aroeiro

Um pequeno livro publicado em 1979, com o título "Saber do Povo para o Povo", foi o primeiro de uma série de publicações que visam divulgar o conhecimento popular e a cultura tradicional dos povos da região. Este livro, que trata da Aroeiro, é o terceiro da série e apresenta uma abordagem detalhada sobre a planta, desde a sua identificação até os seus usos tradicionais. A obra é resultado de um trabalho de campo realizado por um grupo de investigadores, que recolheram e registaram o conhecimento dos idosos da comunidade. Este tipo de trabalho é fundamental para a preservação da memória coletiva e para a valorização da cultura popular.

Resposta do Conselho da Comunidade de São Paulo PE
AROEIRO - Planta herbácea com um caule muito grosso e lenhoso. As folhas são grandes e ovadas, com uma borda serrilhada. A planta é muito utilizada para fins medicinais, especialmente para tratar problemas de circulação sanguínea e de pressão arterial. Também é usada para tratar a dor de cabeça e a enxaqueca. A Aroeiro é considerada uma planta sagrada em muitas culturas tradicionais.

DE VOITA ÀS RAÍZES 1

18 JUNHO AGO



SABER DO POVO PARA O POVO

18 JUNHO AGO 1981

EDITORIAL

Um pequeno livro publicado em 1979, com o título "Saber do Povo para o Povo", foi o primeiro de uma série de publicações que visam divulgar o conhecimento popular e a cultura tradicional dos povos da região. Este livro, que trata da Cal, é o primeiro da série e apresenta uma abordagem detalhada sobre a planta, desde a sua identificação até os seus usos tradicionais. A obra é resultado de um trabalho de campo realizado por um grupo de investigadores, que recolheram e registaram o conhecimento dos idosos da comunidade. Este tipo de trabalho é fundamental para a preservação da memória coletiva e para a valorização da cultura popular.



CAL

Resposta do Conselho da Comunidade de São Paulo PE
CAL - Planta herbácea com um caule muito grosso e lenhoso. As folhas são grandes e ovadas, com uma borda serrilhada. A planta é muito utilizada para fins medicinais, especialmente para tratar problemas de circulação sanguínea e de pressão arterial. Também é usada para tratar a dor de cabeça e a enxaqueca. A Cal é considerada uma planta sagrada em muitas culturas tradicionais.

EDITORIAL
 O objetivo de volta às raízes é promover a valorização da cultura popular e a preservação da memória coletiva. Este trabalho é realizado em conjunto com a comunidade, através de trabalhos de campo e de registo de conhecimentos tradicionais. A publicação deste livro é um passo importante para a divulgação do saber popular e para a valorização da cultura tradicional dos povos da região.

PDVO PDVO



Artemísio

Resposta do Conselho da Comunidade de São Paulo PE
ARTEMÍSIO - Planta herbácea com um caule muito grosso e lenhoso. As folhas são grandes e ovadas, com uma borda serrilhada. A planta é muito utilizada para fins medicinais, especialmente para tratar problemas de circulação sanguínea e de pressão arterial. Também é usada para tratar a dor de cabeça e a enxaqueca. A Artemísio é considerada uma planta sagrada em muitas culturas tradicionais.

Dor de cabeça - chá de folha
 Resposta do Conselho da Comunidade de São Paulo PE
ARTEMÍSIO - Planta herbácea com um caule muito grosso e lenhoso. As folhas são grandes e ovadas, com uma borda serrilhada. A planta é muito utilizada para fins medicinais, especialmente para tratar problemas de circulação sanguínea e de pressão arterial. Também é usada para tratar a dor de cabeça e a enxaqueca. A Artemísio é considerada uma planta sagrada em muitas culturas tradicionais.

Resposta do Conselho da Comunidade de São Paulo PE
ARTEMÍSIO - Planta herbácea com um caule muito grosso e lenhoso. As folhas são grandes e ovadas, com uma borda serrilhada. A planta é muito utilizada para fins medicinais, especialmente para tratar problemas de circulação sanguínea e de pressão arterial. Também é usada para tratar a dor de cabeça e a enxaqueca. A Artemísio é considerada uma planta sagrada em muitas culturas tradicionais.

Resposta do Conselho da Comunidade de São Paulo PE
ARTEMÍSIO - Planta herbácea com um caule muito grosso e lenhoso. As folhas são grandes e ovadas, com uma borda serrilhada. A planta é muito utilizada para fins medicinais, especialmente para tratar problemas de circulação sanguínea e de pressão arterial. Também é usada para tratar a dor de cabeça e a enxaqueca. A Artemísio é considerada uma planta sagrada em muitas culturas tradicionais.

Resposta do Conselho da Comunidade de São Paulo PE
ARTEMÍSIO - Planta herbácea com um caule muito grosso e lenhoso. As folhas são grandes e ovadas, com uma borda serrilhada. A planta é muito utilizada para fins medicinais, especialmente para tratar problemas de circulação sanguínea e de pressão arterial. Também é usada para tratar a dor de cabeça e a enxaqueca. A Artemísio é considerada uma planta sagrada em muitas culturas tradicionais.

"BARBOSINHA FUTEBÓ CRUBI"

Uma Estória de Adonirans

FICHA TÉCNICA

Coord. de Texto e Direção	- CÉSAR VIEIRA (Idibal Piveta)
Coord. Musical	- José Maria Giroldo
Coord. Cenários e Figurinos	- Graciela Rodrigues
Fotos	- Eliezer Martins
Depto. Jurídico	- Joaquim Cerqueira César e J.C. Rston
Conf. de Figurinos	- Elena Cuquereve

ELENCO

Ana Lucia Silva	Lucas César
Edson Ferreira Leite	Marcio Godoy
Eliezer Martins	Marília Teixeira
Elza M. de Oliveira	Manoel Dutra
Eloisa Cichonwicz	Neriney Moreira
Jaime Augusto Silva	Paulo Dantas
Jucelina Silva	Paulo Dantas
Luiza Barreto Leite	Wilson Xavier
José de Andrade	Umberto Magnani

TEATRO UNIÃO E OLHO VIVO - 25 ANOS

O TUOV nasceu em fins de 1967 de idéias e conversas no Restaurante do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito, da USP. Recebeu no início o nome de "Teatro do Onze", para a seguir, com a colaboração de membros do "Teatro Casarão", adotar a sua atual denominação de "Teatro União e Olho Vivo".

Em seu quarto de século de vida apresentou-se por mais de 2.300 vezes para um público aproximado de 2.150.000 espectadores.

Seu objetivo é a troca de experiências culturais com o público das comunidades populares da Grande São Paulo.

Tem atualmente vinte atores-participantes, a maioria vindos das camadas populares. Orgulha-se de ter como um de seus fundadores a figura de Luisa Barreto Leite, marco da resistência do teatro nacional.

Com "BARBOSINHA FUTEBÓ CRUBI - Uma estória de Adonirans" conta a trajetória do compositor Adoniran Barbosa e sua luta em prol da nossa música, percorre os bairros populares da sofrida S. Paulo.

A escolha de "BARBOSINHA FUTEBÓ CRUBI" para apresentar-se na "21ª BIENAL INTERNACIONAL DE S. PAULO" é uma honra que a atual equipe do TUOV transfere a todos os que - atores, colaboradores, imprensa e público - fizeram com que, nesses 25 anos, o sonho se transformasse em realidade.

A "CASA DE CULTURA TUOV", no Bom Retiro, está de portas abertas e espera a sua participação.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi feita após a conclusão dos trabalhos. Foi realizada em Plenária Geral, de forma direta, sem instrumento formal conforme a orientação do próprio grupo.

Na avaliação destacaram-se os seguintes pontos:

- O Encontro foi muito rico e possibilitou o mapeamento e o conhecimento do que há de experiências e trabalhos em educação popular em saúde no Brasil.
- Havia uma grande expectativa em relação ao Encontro desde sua organização inicial, por parte dos profissionais.
- Foi um espaço importante para conhecer experiências muito interessantes.
- Houve um certo desequilíbrio entre a apresentação das experiências e a discussão com aprofundamento em pequenos grupos.
- O número de trabalhos apresentados dificultou o aprofundamento e a reflexão sobre o método.
- Os Encontros são fundamentais para a continuidade e a construção de um corpo teórico e a necessidade de se estudar sobre a questão, no caso, a educação popular em saúde.
- As "Questões Metodológicas" apareceram nas experiências apresentadas, porém não foi possível seu aprofundamento. Por outro lado, "não existe" a metodologia, e sim, o que se pode aprender, o que serve e o que não serve em cada experiência. Deveriam ser poucas experiências, que serviriam como relato, a partir do qual se aprofundariam as questões metodológicas.
- Na apresentação das experiências, os expositores não conseguiram fazer a reflexão sobre o método e fazer a ligação do que é a experiência e o que pode avançar.
- Os participantes do Encontro que assistiram as apresentações também não acolheram para si a responsabilidade coletiva sobre essa reflexão (Questões Metodológicas). Houve muitas questões de esclarecimentos e informações refletindo aí as diferentes expectativas em relação ao Encontro (necessidade de aprender, troca de experiências, aprofundamento teórico a partir de exposição de "experts" na área, etc...).
- Um pouco deste resultado do Encontro deve-se a sua forma de organização, mas em grande parte é a realidade da educação popular em saúde no Brasil.
- A prática tem que se instrumentalizar em teorias, para não ser dependentes dos profissionais e outros. Para isso é necessário articular teoria e prática. Superar o

- confronto entre teoria e prática; profissionais de saúde e população; trabalho voluntário e profissional.
- Existem muitos técnicos que estão desenvolvendo trabalho nesta área.
 - Há um certo descompasso entre o que existe de prática sendo desenvolvida em municípios, estados, a maioria desconhecida e o que há de produção nas Universidades.
 - Sentiu-se a falta de trabalhos realmente populares. O Encontro teve a presença de muitos técnicos. Muitas vezes os profissionais estão presos à Academia e a prática popular está acontecendo no campo, na periferia e nos mais diversos locais. Muitas vezes, os técnicos, os profissionais têm medo da população e isto os faz se prenderem na prática acadêmica.
 - Os próprios profissionais tem que ter participação numa prática. Se não tem experiência de participação com população não tem como entender e avançar no trabalho de educação popular em saúde.
 - Há necessidade de espaços para troca de experiências e aprofundamento entre os profissionais.
 - O Brasil investiu na educação popular em saúde e hoje ela é uma realidade.
 - Este espaço - o I ENEPS - a nível nacional foi uma conquista.
 - Há necessidade de uma continuidade para aprofundar a educação popular em saúde e suas práticas diferenciadas.
 - Não adianta só o conhecimento, tem que haver um meio de criar uma ponte entre a população ("o saber popular") e os técnicos ("privilegiados do saber").
 - Infraestrutura poderia ter sido melhor. Faltou jornal.
 - Horários foram muito rígidos (almoço, café, etc.) e isto prejudicou.
 - A organização teve muito mais pontos positivos do que negativos.
 - O local isolado foi bom, para evitar a dispersão.
 - Mexeu muito com ódio e com amor.
 - Ótimas experiências com cada um.
 - Ambiente acolhedor.
 - O I Encontro foi ótimo.
 - O encontro foi extremamente válido.
 - Viemos com expectativas diferentes, não conseguimos centrar a discussão na metodologia, mas não foram os livros que me deram a maneira de sistematizar as dúvidas e apontá-las para a coordenação.
 - O encontro foi muito significativo em relações humanas, a organização das visões é que nos proporcionou isto.

Avaliar é atribuir valores e cada um o faz de acordo com suas expectativas se "eu venho para um encontro com 120 pessoas eu não posso esperar um aprofundamento das questões metodológicas".

- As experiências da educação popular na saúde não estão teorizando mas refletem a realidade e quem está na academia não está avançando nesta discussão, é uma velha questão que está sendo repetida.
- Foi uma maravilha! Fico triste em perceber o quanto vocês são privilegiados e o quanto mais vocês querem. Mas vocês não conseguem chegar até a população e do jeito que vocês vão, serão capazes de estourar de conhecimento e não conhecerão a população.

PROPOSTAS

- Este espaço deve continuar.
- Deve ter continuidade, através de uma articulação nacional para estudo, aprofundamento e discussão sobre as diferentes práticas de educação popular.
- Elaborar pesquisas nos estados (mapeamento) sobre as diversas experiências, sobre as pessoas que trabalham a educação popular em saúde e como vêm fazendo.
- Organizar o II Encontro.
- Prever no II Encontro, oficinas pequenas para aprofundar com os educadores.
- Prever no próximo Encontro logo no início um momento e que não pode ser pequeno, para instrução de dinâmica de grupo.
- Prever discussão mais teórica com algum "convidado", após exposição das experiências.

CONCLUSÃO

O I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde foi um espaço fundamental para a articulação das pessoas que hoje pensam e praticam a educação popular no Brasil. As

experiências apresentadas mostraram a riqueza e a diversidade do que existe nesta área e trouxeram elementos para reflexão sobre as práticas, suas metodologias, seus instrumentos e resultados.

Ao mesmo tempo mostrou que ainda é muito frágil o conhecimento e a divulgação das experiências e a sistematização das mesmas, necessitando de uma articulação a nível nacional.

Neste sentido o Encontro apontou para a necessidade de buscar contato e integrar as diversas experiências desenvolvidas por grupos populares, movimentos e entidades não governamentais para, junto com as Instituições e Universidades avançarem num projeto mais abrangente de Educação Popular em Saúde. Nessa trajetória, buscar-se-ia superar a dicotomia existente hoje, entre a produção teórica e o acúmulo das experiências desenvolvidas.

Ao final deste Encontro foi constituída a COMISSÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE com o objetivo de criar novos espaços de troca de experiências e reflexões, divulgar essas experiências e reflexões, criar uma infraestrutura institucional de suporte para que seja aprofundada no SUS através do instrumental de Educação Popular.

A Comissão terá como tarefa organizar o próximo Encontro.

COMISSÃO

- Eymard Mourão Vasconcellos - PB - Coordenação
- Hugo Ferreira da Silva - SP
- Lourdes Maria de Queiros - SP
- Margarida Aparecida Pinto Guedes - SP
- Marcia Ana Silva Ferreira - SP
- Ausônia Favorido Donato - SP
- Carlos Dimas Martins Ribeiro - RJ
- Maria do Pérpetuo Socorro Ferreira - RJ
- Livia Fernandes F. Regazzi - RJ
- Sueli Camacho Marquez - RJ
- Moema Elizabeth W. Costa - RJ
- Nedilson de Oliveira Lariú - RJ
- Elido Bonomo - MG
- Sandra Rodrigues C. Silva - BA
- Lidia Morsoletto Ferreira - BA
- Maria Elizabeth Kleba da Silva - SC
- Maristela Fantin - SC
- Isack Bejzman - RS

- Oswaldina Sacramento Oliveira
- Paulo Macedo
- Rosalina Ribeiro Leite
- Rosângela Ferreira do Anjos
- Rosângela Maria Barone
- Rosângila Costa dos Santos
- Rosilda M.M. Mota
- Rubens Kon
- Ruy Barreira Filho
- Sandra Rodrigues C. Silva
- Sarah Sorrentino
- Suzana Kalckmann
- Selma Campestrini
- Silvana Marcia de Andrade Medeiros
- Silvana Rossi
- Sonia Regina Ribeiro da Silva
- Sueli Camacho
- Tereza Cristina de Jesus Borges
- Tereza Nadja de Amorim Jatoba
- Ubiratan da Costa e Silva
- Vera Lúcia Mariano da Silva
- Vera Lucia Rolim Salles
- Vera Regina Beltrão Marques
- Zulmira Galvão Alvarenga
- Yanni Regia Scarcelli

AGRADECIMENTOS

- Prefeitura Municipal de São Paulo - PMSP
- Prefeitura Municipal de Santos
- Secretaria Municipal de Saúde - PMSP
- Secretaria Municipal da Educação - PMSP
- Secretaria Municipal da Cultura - PMSP
- Corpo Municipal de Voluntários - CMV
- Centro de Formação dos Trabalhadores da Saúde - CEFOR
- Secretaria de Estado da Saúde
- Instituto de Saúde
- Museu de Saúde "Emílio Ribas"
- Associação "Sebastião de Moraes" dos
- Secretários Municipais de Saúde
- Associação dos Educadores de Saúde Pública
- Associação Brasileira de Saúde Coletiva - ABRASCO
- Rádio USP - Universidade de São Paulo
- REDE MULHER - Educação Popular Feminista

BIBLIOGRAFIA

- **BRANDÃO, C.R.** - A Questão política da educação popular. Editora Brasiliense. São Paulo, 1980.
- **BONDY, A.S.** - Que es la conscientización y como funciona? - Editorial Causachum - Lima, 1975 - Colección Reforma de la Educación.
- **FREIRE, P.** - La concepción bancaria e la concepción humanista de la educación - pag. 56 - Educación - La revista del maestro peruano. Año 1 nº 2 - Lima - 1970 - Ministério de Educación del Peru.
- **FREIRE, P.** - Educação como Prática da Liberdade - 5ª edição - Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1975.
- **GADOTTI, M.** - Conversando com Paulo Freire - Editora Scipione - São Paulo, 1990.
- **GRAMÍSCI, A.** - Os Intelectuais e a Organização da Cultura - Editora Civilização Brasileira - Rio de Janeiro, 1979.
- **JARA, O.** - Educación Popular: la dimensión educativa de la acción política - pag. 05 - Educação e Sociedade - Revista Quadrimestral de Ciências da Educação - CEDES nº 10 - Cortez Editora São Paulo.
- **QUIJANO, A.** - Dependência, Cambio Social y Urbanización en Latino-América en: América Latina Ensayos de Interpretación Sociológico - Política. Editorial Universitária - Santiago 1970.
- **MARTINIC, S.** - III Simpósio Latinoamericano de Pesquisa Participante: temas de reflexão e conclusões. CEAAL. Piracicaba, 1984. Mimeo.
- **MELO, J.A.C.** - A Educação e a Relação entre os Profissionais de Saúde e a População. Projeto de Pesquisa do Instituto de Saúde. São Paulo, 1986. Mimeo
- **MERHY, E.** - Saúde e Movimento Popular: o relato de uma experiência - pag. 44 - Cadernos do CEDES nº 4 - Educação e Saúde - Cortez Editora. São Paulo, 1984.
- **PEÑALOZA, W.** - El curriculum integral - pag. 04 - Educación - La revista del maestro peruano Año 1 nº 02 - Lima, 1970. Ministério de Educación del Peru.
- **RODRIGUEZ, A.** - De invasores a invadidos - Desco, Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo - Lima, 1976.

FICHA TÉCNICA

Edição elaborada pela
ASSESSORIA DE PARTICIPAÇÃO DA
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE e
REDE MULHER

Consultados textos de:

Carlos R. Brandão (UNICAMP - SP)
Elza Ferreira Lobo (REDE MULHER - SP)
Emerson Merhy (UNICAMP - SP)
Joaquim A.C. de Melo (ENSP - RJ)
Moacir Gadotti (UNICAMP - SP)
Oscar Jara (ALFORJA - Costa Rica)
Paulo Freire (ICAE - Canadá)
Sérgio Martinic (CIDE - Chile)

Digitação dos Textos:

Tânia Regina G. Silva- Instituto de Saúde

Editoração e Composição:

Nelson Francisco Brandão - Instituto de Saúde

Reprodução Gráfica:

Flaviano Manoel Lima de Araújo - Instituto de Saúde
Copiadora Metrópole S/C Ltda.
Rua Barão de Bananal, 330